

Entrevista da Wilson Sons à Revista Portos e Navios

Pauta: “Implantação da cultura e de práticas ESG no setor portuário”

Porta-voz: Monica Jaén, diretora de Sustentabilidade da Wilson Sons

Repórter: Bianca Guilherme

ENTREVISTA/PERGUNTAS e RESPOSTAS DA WILSON SONS (perguntas da Revista Portos e Navios encaminhadas pela repórter)

1 – Como tem sido a estruturação e implantação da cultura ESG no setor portuário no Brasil?

Monica Jaén: *Assim como vários setores relevantes da infraestrutura brasileira, as questões sociais, ambientais e de governança são inerentes à atuação do setor portuário, visto que as atividades se desenvolvem em sua maioria em áreas de concentração populacional, cercadas por ecossistemas de grande importância, e em negócios amplamente regulados pelas autoridades.*

Neste cenário, a gestão ESG já faz parte das empresas do setor portuário, sendo que muitas, assim como a Wilson Sons, maior operador integrado de logística portuária e marítima do mercado brasileiro, que passou a negociar suas ações no Novo Mercado da B3 em 2021, publicam anualmente [relatórios de sustentabilidade](#) com informações econômicas, sociais e ambientais, ampliando a transparência de seus negócios, utilizando os padrões estabelecidos pela GRI – Global Report Initiative.

As empresas passaram a monitorar e orientar suas ações considerando os aspectos ESG. Temas relacionados com o Ambiental, como controle de vazamentos para o mar, mudanças climáticas; o Social, como a interação do porto com a cidade de uma maneira mais harmônica, ou a Governança, como compliance e canal de denúncias, passaram a integrar as reuniões das diretorias e dos conselhos.

Existem oportunidades de melhorias, assim como em outros setores, principalmente para uma melhor estruturação dos temas para avanços do setor, indo além do cumprimento dos padrões legais estabelecidos.

Vale ainda comentar sobre a evolução das empresas com a adesão às certificações e as exigências de mercado. A Wilson Sons possui a ISO 14000 de seus terminais de contêineres, bases de apoio offshore e centro logístico

como forma de gestão ambiental e responde voluntariamente ao S&P Global de Nova Iorque (S&P DOW JONES INDICES, 2022) para medir a sua performance nos temas ESG e acompanhar as tendências mundiais no tema. Também de forma voluntária, a Wilson Sons é signatária do Pacto Global desde 2009.

A companhia participa também como membro do Carbon Disclosure Project (CDP), iniciativa internacional, sem fins lucrativos, importante para a mitigação das mudanças climáticas porque funciona como um banco de dados, que auxilia na medição, gestão e compartilhamento de informações. Aproximadamente 5.600 organizações e 533 cidades participam da iniciativa reportando seus dados relacionados ao clima. Houve inclusive um avanço no desempenho da Wilson Sons nas avaliações externas baseadas nessa abordagem, de uma nota C em 2021 para B em 2022. A média global em mudanças climáticas no CDP da categoria a qual somos avaliados (shipping) também é B, e na América Latina é D. (As notas possíveis no CDP são D-, D, C-, C, B-, B, A-, A). A melhoria nos resultados foi reflexo principalmente dos avanços na gestão do risco climático seguindo a metodologia da TCFD (Task Force on Climate Financial-Related Disclosures).

Em 2022, a Wilson Sons também foi qualificada, pelo segundo ano consecutivo, com o Selo Ouro no Programa GHG Protocol, que tem o objetivo de estimular e apoiar corporações na elaboração e publicação de inventários de emissões de gases do efeito estufa (GEE). A certificação é o mais alto nível de reconhecimento às empresas que demonstram transparência em seus inventários voltados para uma agenda de enfrentamento às mudanças climáticas, sendo concedida às organizações que reportam todas as suas fontes emissoras e são verificadas por auditoria externa. Há nove anos a companhia publica, voluntariamente, seu inventário de GEE. Os indicadores são reportados na plataforma do programa brasileiro GHG Protocol, no site de notícias Bloomberg e na plataforma global do Carbon Disclosure Project (CDP).

Há muitas iniciativas interessantes, e diversas, mas percebo que o setor pode contribuir ainda mais para os avanços esperados na pauta ESG no mundo. Um exemplo é a agenda climática, que tem no transporte marítimo um excelente aliado para reduzir as emissões de carbono acumuladas nos produtos exportados pelo Brasil, e que hoje é maior, em função da larga utilização do transporte rodoviário, mais intensivo em emissões, em detrimento da navegação de cabotagem.

2 – Podemos dizer que o setor está atrasado em comparação a implantação em outros países?

Monica Jaén: De uma maneira geral, a Europa tem sido mais ativa nas questões ESG quando comparamos com outras regiões, refletindo-se na antecipação de demandas para o setor produtivo, seja no estabelecimento de parâmetros mais restritivos de emissões atmosféricas, seja através de regras mais rigorosas para o mercado.

No setor portuário, acho interessante citar, por exemplo, o EcoPorts, criado de forma independente pelo setor portuário europeu em 1997, iniciativa integrada

à Organização Europeia dos Portos Marítimos desde 2011. O que se buscou com essa iniciativa dos próprios portos foi evoluir na agenda ambiental, aumentando a conscientização e gestão para proteção do meio ambiente por meio da cooperação e compartilhamento de conhecimento entre os portos, inclusive por meio de certificação voluntária pelo Sistema de Revisão Ambiental Portuária e o Autodiagnóstico que possui uma lista de verificação de forma que os portos possam se autoavaliar em relação ao desempenho do setor e aos padrões internacionais. Essa rede também oferece a possibilidade de obter análises e interpretações independentes e confidenciais. Hoje possui 103 membros de 25 países europeus.

A Organização Europeia dos Portos Marítimos divulgou também as Top 10 prioridades ambientais para os Portos Europeus em 2022, listadas em ordem de prioridade: mudanças climáticas, qualidade do ar, eficiência energética, ruído, qualidade das águas, relacionamento com as comunidades locais, resíduos dos navios, resíduos dos portos, desenvolvimento portuário e dragagem.

Neste contexto, acredito que o Brasil tenha também iniciativas alinhadas aos princípios fundamentais da sustentabilidade de potencializar o impacto positivo das atividades, reduzir ao mínimo seus reflexos negativos, e contribuir para a prosperidade das regiões de atuação das empresas. O licenciamento ambiental, por exemplo, é obrigatório para as obras em área portuária, como também houve avanços com o Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos e Efluentes nos Portos Marítimos Brasileiros.

A inovação também é uma ferramenta importante para tornar o nosso setor mais sustentável. No caso da Wilson Sons, desde 2019, somos parceiros do Cubo Itaú, o mais relevante centro de inovação e fomento ao empreendedorismo tecnológico da América Latina. Em 2022, com intuito de fortalecer a agenda de inovação no setor, unimos esforços com o Cubo Itaú, a Porto do Açú, a Hidrovias do Brasil e a Radix, para [lançar o primeiro hub dedicado de soluções portuárias e de transporte aquaviário da América Latina: o Cubo Maritime & Port.](#)

Acreditamos que vivemos um momento inédito do setor marítimo e portuário, em que a adoção de novas tecnologias permitirá tornar as operações nos portos e o transporte aquaviário de carga cada vez mais eficientes, seguros e sustentáveis.

3 – Poderia nos dar exemplos dos principais cases de ESG já implementados nas empresas do setor aqui no Brasil?

Monica Jaén: Na Wilson Son temos muitos casos de sucesso na gestão de sustentabilidade, como a implantação dos primeiros guindastes sobre rodas elétricos do Brasil no Tecon Salvador e, posteriormente, no Tecon Rio Grande, em substituição aos modelos movidos a diesel; o lançamento dos primeiros rebocadores do País com novo design do casco, que permite maior eficiência

em manobras e a redução de até 14% das emissões de gases de efeito estufa; e o desempenho de classe mundial em segurança do trabalho pela dss+ (antiga Dupont). Estamos em um ciclo de construção de 6 rebocadores nos estaleiros da companhia: dois deles já foram entregues em 2022 (o [WS Centaurus](#) e o [WS Orion](#)), três serão entregues em 2023 - sendo que o próximo será batizado de WS Rosalvo - e o último da série no começo de 2024. Esses rebocadores são os primeiros no Brasil com padrão IMO TIER III, de prevenção de poluição de navios, estabelecido pela Organização Marítima Internacional.

Entre nossas iniciativas em prol do meio ambiente, está também a Central de Operações de Rebocadores (COR) da Wilson Sons, localizada em Santos (SP). A COR monitora em tempo real a frota de 80 rebocadores da companhia, a maior e mais moderna do Brasil, distribuídos em toda a costa brasileira, definindo o melhor momento para a movimentação das embarcações, bem como a velocidade ideal das mesmas, sempre visando a garantir maior eficiência no consumo de combustível e, conseqüentemente, a redução de emissão de gases de efeito estufa.

A Wilson Sons enxerga a tecnologia como aliada da infraestrutura marítima e portuária e da sustentabilidade no setor, por meio de melhorias operacionais, da busca por ganhos de eficiência e da produtividade em nossa indústria. Vale destacar exemplos de três startups em que a companhia é investidora minoritária, detentoras de tecnologias e soluções relevantes para a transformação digital da gestão portuária. São elas: a israelense DockTech (faz mapeamento do leito dos portos para tornar mais eficientes a navegação e a dragagem), a brasileira Argonáutica (com a ferramenta de calado dinâmico que otimiza a carga dos navios e a atracação nos terminais) e a britânica AIDrivers (conversão de veículos e maquinários convencionais em equipamentos autônomos).

Recentemente, durante a Intermodal South America 2023, realizada em São Paulo, a [Wilson Sons divulgou estudo inédito da companhia que mapeou 528 startups do setor marítimo e portuário no mundo](#), com soluções que atendam diretamente a demandas dessa indústria, distribuídas por 45 países em cinco continentes. De acordo com o [estudo](#), 214 das shiptechs mapeadas (mais de 40% do total) desenvolvem soluções com uso de Big Data & Analytics. E a Inteligência Artificial/Machine Learning, com 85 startups, fica em segundo entre as principais tecnologias, à frente de Internet das Coisas (IoT), Sensores & Monitoramento (83).

4 – Quais os principais efeitos das práticas ESG para empresas do setor privado?

Monica Jaén: Em um contexto tão integrado quanto o da cadeia logística internacional, incorporar as questões de sustentabilidade à gestão do setor portuário torna-se estratégico e essencial para a perenidade das empresas, pois o desempenho econômico dependerá cada vez mais do equilíbrio entre todos os temas.

Neste sentido, há uma demanda crescente dos clientes, investidores, acionistas, financiadores, organizações da sociedade civil, colaboradores, consumidores, órgãos reguladores, enfim, da sociedade, para todas as etapas da cadeia produtiva em relação aos temas ambientais, sociais e de governança.

A B3 tem sido bastante atuante na agenda ESG no sentido também de compartilhar com as empresas conhecimento e caminhos, divulgando melhores práticas, lançando no final do ano passado a atualização do guia “Sustentabilidade e Gestão ASG: Como Começar, Quem Envolver e O Que Priorizar”.

Há, portanto, a necessidade de identificar e mitigar os riscos que os temas ESG podem trazer ao negócio, garantindo que a potencial materialização dos impactos negativos seja evitada ou mitigada. Por exemplo, falando mais uma vez da agenda climática, será necessário adaptar as instalações portuárias para continuarem operando num cenário em que se prevê maior frequência e intensidade de eventos climáticos extremos, como fortes chuvas e ventos, em função do aumento da temperatura global.

No entanto, a gestão diligente e inovadora em sustentabilidade oferece muitas oportunidades, desde os ganhos de eficiência pela incorporação de tecnologias mais limpas, até a oferta de produtos e serviços que ajudam os clientes a reduzir os impactos de suas cadeias de valor. Vejo uma vocação enorme do Brasil para se posicionar com destaque na agenda de sustentabilidade, com participação relevante do setor portuário.

A chamada economia azul é um conceito ainda pouco explorado de produção de soluções com melhor desempenho social e ambiental, e mais uma vez temos o setor podendo contribuir para o desenvolvimento sustentável.

No final do ano passado, por exemplo, [a Caterpillar e a Wilson Sons assinaram um MOU para implementar tecnologias e soluções com o objetivo de reduzir o impacto ambiental de rebocadores e embarcações offshore](#). Com o compromisso de incorporar a sustentabilidade em seus negócios, a Wilson Sons trabalha com a Caterpillar para adotar novas tecnologias que tenham impacto positivo na eficiência operacional e reduzam suas emissões de carbono no longo prazo, como a adoção de combustíveis com baixo teor de carbono, soluções híbridas e de eletrificação.

É importante também destacar a importância do “S” (de social) da sigla ESG. Inclui a partir de uma ação interna sólida nas empresas, provendo o melhor ambiente de trabalho para nossos colaboradores e compartilhando o compromisso com a excelência dos serviços prestados aos clientes, bem como a responsabilidade socioambiental e a inovação, que se destacam na conduta empresarial da Wilson Sons. Em 2022, a companhia foi premiada como umas das “Melhores Empresas para Trabalhar no Rio de Janeiro” pelo Great Place to Work (GPTW), em reconhecimento por suas práticas culturais. A empresa foi

avaliada pela consultoria por todas as suas práticas de acordo com seis pilares: Valores, Confiança, Inovação por todos, Eficácia da liderança, Resultados do negócio e Maximização do potencial Humano.

5 – Qual área está mais avançada na implantação das práticas ESG. Público ou privada?

Monica Jaén: *O avanço em sustentabilidade dependerá da atuação efetiva da sociedade como um todo, de forma colaborativa e convergente para tratar de temas que invariavelmente são complexos e multidisciplinares. O desafio está na capacidade de harmonizar as práticas e a velocidade que as diferentes iniciativas requerem. Seguindo esta lógica, há diferentes papéis para a consistência das práticas ESG, e o mais importante será buscar harmonia e efetividade entre os setores público e privado.*

O setor privado tem agilidade para implantar iniciativas ESG e o poder público tem papel relevante para avaliar a abrangência e potencializar os efeitos das boas práticas, além de exercer uma atuação fundamental na regulamentação dos temas considerando a visão de longo prazo. O ideal é trabalhar sempre de forma que todos saiam ganhando, transformando sempre para melhor a realidade das pessoas.

Gosto de trazer o exemplo da aliança estratégica público-privada da Wilson Sons e da startup DockTech com a Santos Port Authority (SPA), acelerando o processo de inovação, em busca de eficiência operacional, com forte pegada de desenvolvimento sustentável. A DockTech já possui um acordo de cooperação e cartas de intenção com diversos portos e operadores relevantes, além da SPA, Porto de Vitória, PortosRio, Praticagem do Rio de Janeiro, Porto do Açu e Portos RS.

===== FIM =====

Sobre a Wilson Sons

A Wilson Sons é o maior operador integrado de logística portuária e marítima do mercado brasileiro, com 185 anos de experiência. A companhia tem abrangência nacional e oferece soluções completas para mais de 5 mil clientes, incluindo armadores, importadores e exportadores, indústria de energia offshore, projetos de energia renovável, setor do agronegócio, além de outros participantes em diversos segmentos da economia.

Saiba mais em: wilsonsons.com.br

Informações para a imprensa Danthi Comunicação

Gustavo Villela – gustavo.villela@danthi.com.br / (21) 99124-5158
Sérgio Costa - sergio@danthi.com.br / (21) 99145-3644

